

Escrita de si, cuidado de si e governamentalidade: costuras prováveis em Carolina Maria de Jesus

Fabiana Rodrigues Carrijo ¹

RESUMO

Este ensaio investigou, a partir de uma análise teórico-metodológica, repousada nos estudos foucaultianos, como um sujeito de um discurso constitui sua subjetividade através do exercício de uma *escrita de si*. Ele elenca as singularidades desta *escrita de si*, especialmente, por intermédio de dois diários íntimos de Carolina Maria de Jesus, notadamente, a partir do *Quarto de despejo* (1960) e *Diário de Bitita*² (2007). Os estudos ora apresentados intencionam discutir o sujeito como um sujeito da escrita que se vale dela com o intuito de preservar o dia vivido na esperança blanchotiana de que se deve anotar para preservar e preserva-se para não passar incólume.

Palavras-Chave: Escrita de si. Discursividade literária. Carolina Maria de Jesus. Análise do Discurso. Foucault.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo se ocupa *do processo de subjetivação e da discursividade literária em Carolina Maria de Jesus*. Assim, partindo dos aportes teóricos da Análise de Discurso, de base francesa³ e tomando o discurso em uma visão foucaultiana enquanto “algo inteiramente diferente do lugar em que vêm se depositar e se superpor, como em uma simples superfície de inscrição, objetos que teriam sido instaurados anteriormente” (FOUCAULT, 2008, p.48), almejamos, por meio da materialidade discursiva, constituída pelos dois diários de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo* (1960)⁴ e *Diário de Bitita* (2007), delinear os processos de subjetivação e a discursividade literária nessa autora.

Entendemos como discursividade aquela proposta por Orlandi: “Tomamos a discursividade, por definição, como o lugar que nos permite observar os efeitos materiais da língua, enquanto sistema passível de jogo, na história. Resulta desse jogo que a produção de sentidos é marcada necessariamente pelo equívoco [...]” (2001, p. 132). Os processos de subjetivação serão estudados via apontamentos discursivos e pela discursividade literária. Não há um único caminho possível, quer seja, só via discursividade literária. Acreditamos que ele se faz em mão dupla; assim, tanto delinearíamos os

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia em 2013. E-mail: facarrijo@gmail.com

² A partir deste momento, recorreremos apenas à abreviatura das duas obras que assim ficariam, sucessivamente, QD e DB. Todos os excertos serão retirados destas edições, por isso, limitaremos a colocar as iniciais seguidas do número de página. O DB será utilizado, nesta pesquisa, apenas como uma materialidade complementar, já que nos interessa, sobremaneira, o QD.

³ Doravante apenas AD

⁴ Trata-se da primeira edição de Quarto de despejo.

processos de subjetivação via apontamentos teóricos quanto via discursividade literária em Carolina Maria de Jesus (por intermédio da análise do *corpus* selecionado para esta pesquisa).

Por ora, apenas, antecipamos que os processos de subjetivação, tomados por meio da materialidade linguística, constituída pelos dois diários, *QD* e *DB*, parecem entremostrear um jogo de relações precisas de saber e poder, delineando as marcas possíveis de uma discursividade que faz emergir ou que aponta para a constituição de várias posições do sujeito⁵; tanto aquele delineado por uma posição tributável de autoria quanto os outros sujeitos (plurais) que vão sendo esboçados nessa discursividade, a saber: o sujeito discursivo⁶ delator, o sujeito discursivo religioso ou sob efeitos de uma religiosidade, o sujeito discursivo escritor, o sujeito discursivo apaziguador das brigas, o sujeito discursivo porta-voz dos favelados, dentre outros que nos foram e serão possíveis depreender a partir dos estudos propostos com esta pesquisa. Cumpre-nos, neste momento, anunciar que *QD* e *DB* são considerados diários íntimos, anotações memorialísticas que tentam reconstruir o passado no momento presente. O primeiro deles traz as indicações de data no início de cada relato e o leitor percebe que houve supressão de algum tempo (aproximadamente três anos) nas anotações. Os primeiros relatos iniciam em 15 de julho de 1955, encerram-se, parcialmente, em 28 de julho de 1955 – quando há a indicação sobre o fim do diário de 1955. Depois são retomados em 02 de maio de 1958 e sofrem nova supressão em 23 de fevereiro – quando há o apagamento de quase dois meses, só reiniciando em 29 de abril de 1959. Neste mesmo dia, há uma possível justificativa da autora para o fato de ter parado de escrever: “Eu parei de escrever o Diário porque fiquei desiludida. E por falta de tempo.”⁷ (*QD*, p. 154). Há uma nova supressão, cerca de um mês – de 12 de maio a 12 de junho de 1959. Depois, em agosto, há uma interrupção de aproximadamente dez dias (do dia 16 de agosto para 26 de agosto) e, nesse dia, quer seja, 26 de agosto, uma única linha de relato: “A pior coisa do mundo é a fome!” (*QD*, p. 181). As anotações decorrem para 31 de dezembro de 1959 e o diário é encerrado em 1º de janeiro de 1960 com: “Levantei as 5 horas e fui carregar água” (*QD*, p.182).

Para além dos litígios que possam ser apontados no tocante à supressão ou não do relato de Carolina Maria de Jesus ao ser organizado para publicação, o fato é que os diários receberam um recorte neste ou naquele dia, neste ou naquele ano. Se no início dos relatos há quase a anotação diária, ao fim do Diário, os relatos vão se espaçando. Na 9ª edição ao *QD*, datada de 2007 e cuja apresentação realizada por Audálio Dantas data de 1993, o jornalista assume que fez recortes no texto para evitar a repetição da rotina favelada que seria exaustiva, já que se tratava de mais de vinte cadernos sobre o cotidiano na favela. Reconhece que fez algumas alterações na pontuação e em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. E confessa, pois, que estas foram as únicas modificações feitas.

A obra *QD* obteve diversos estudos, e fora, quiçá mundialmente conhecida como obra de testemunho. Neste diário, temos o depoimento de uma mulher negra, favelada sobre o dia-a-dia de suas desventuras para obter o seu sustento e o de seus filhos. Houve, na época da publicação do aludido

5 São diversas situações/posições que podem ser ocupadas pelo sujeito do discurso. Este conceito aparece em *Arqueologia do Saber*, notadamente, no tópico: A formação das modalidades enunciativas. (FOUCAULT, 2008, p. 56-61).

6 Sujeito discursivo, grosso modo, é o sujeito que enuncia no discurso. É uma posição que pode ser ocupada, segundo Foucault (2008, p.130), sob certas condições, por indivíduos indiferentes. São lugares ocupados no momento da enunciação. E esses lugares são: históricos, sociais, culturais.

7 Os excertos seguem *ipsis litteris* (EM ITÁLICO) como foram publicados.

livro, década de 1960, suspeitas sobre a veracidade e a assunção de autoria. Foi posta sob suspeição a veracidade de seu testemunho; se, efetivamente, os relatos eram tais e quais atribuídos à autora Carolina Maria de Jesus ou foram burilados pelo apresentador da autora e de seu livro, Audálio Dantas.

Nesse sentido, pode-se deduzir que lhe fora concedida a liberdade de falar, mas esta fala parece ter permanecido circunscrita ao teor testemunhal, validou e é legitimada enquanto depoimento e não como obra literária, ao menos, não por uma crítica literária, já que tem sido recorrida, enquanto sucesso editorial da época e tem recebido acenos mais amiúdes enquanto fundamentação teórica, de base sociológica, antropológica e histórica⁸.

DB fora publicado primeiramente na França, em 1982, por uma jornalista francesa. Só quatro anos depois ganharia uma edição brasileira, realizada pela Nova Fronteira. Esta obra, contrariamente ao QD, passou por uma revisão ortográfica antes de sua publicação. Trata-se do relato de Bitita – apelido de Carolina Maria de Jesus – testemunhando sua vida andarilha até transformar-se em mulher adulta, sempre às voltas com a pobreza, a errância e o preconceito. O relato principia com um capítulo intitulado “Infância” e se encerra com “Ser Cozinheira”, no qual o sujeito discursivo expõe sua efêmera felicidade ao conseguir um emprego em uma casa de família, não obstante acaba tendo que sair deste emprego e se lançar novamente à vida errante, indo para São Paulo. O relato termina com o anúncio desse sujeito ao chegar à cidade grande, onde intenta “conseguir meios para comprar uma casinha e viver o resto de meus dias com tranquilidade...” (DB, p.250). Em DB, temos um relato desde a infância, a ida para escola, a condição dos negros, a inteligência do avô, considerado pelo sujeito do discurso como um Sócrates Africano até a ida para São Paulo quando, então, enche-se de sonhos na esperança de comprar uma casa de alvenaria que, a propósito, constituir-se-ia em mote para a composição e publicação de outro livro, de título homônimo. DB não recebeu, quando confrontado com QD, a mesma atenção do público leitor, tendo passado quase despercebido, talvez por não apresentar a linguagem fraturada ou, então, porque já havia sido apresentado ao leitor o quarto de despejo com as misérias humanas.

Depois de circunscritas as características do corpus para a presente análise discursiva, anunciamos que investigaremos, neste ensaio, quais as singularidades de uma dada discursividade fazem entremostrear as peculiaridades de um processo de subjetivação nos dois diários elegidos. Seguindo este raciocínio, proferimos que, em QD e DB, o sujeito tributável de uma dada autoria parece fugir às tentativas céleres de categorização. Nessas acepções, o sujeito não é substância, mas forma e esta não é idêntica a si mesma. O sujeito não tem consigo próprio o mesmo tipo de relação enquanto sujeito político e enquanto sujeito de uma historicidade ou ainda sujeito de uma sexualidade. Em cada relação que institui, se posicionará de uma forma dessemelhante. Há, então, várias formas de sujeito conforme as relações que este assenta com os diversos “jogos de verdade”. A constituição histórica dessas diferentes formas de sujeito é o que interessa a Foucault. E é também o que nos incita, especialmente, neste trabalho, ao discorrermos sobre a constituição de uma dada subjetividade.

Acreditamos que esta proposta se constitui como uma contribuição especialmente para os estudos linguísticos, conquanto possa também interessar a outros campos epistemológicos, já que, a exemplo de Ítalo Calvino (1990), entendemos que os saberes não se excluem, mas se interpe-

⁸ Alguns trabalhos têm sido referência no campo literário, a saber: Sousa (2004), Perpétua, (2000) e Fernandez (2008).

netram. E como a AD é devedora dos aportes teóricos que se valem da confluência dos saberes, procuramos, neste ensaio, uma leitura que municie destes campos teóricos que se entrelaçam, revelando-se transdisciplinares.

Acreditamos que há em QD e DB, notadamente naquele, o inventário do dia ou o relato de um dia. É o relato de si através do relato do dia. Implica-nos, sobremaneira, descrever e contabilizar os diversos posicionamentos do sujeito, em especial aquele que se intitula morador do quarto de despejo e pretendo candidato a escritor; pois, que, talvez, para além de tudo que o constituía enquanto sujeito, encontra-se, dentre outras posições, o fato de ser escritor, quer pelas circunscrições do intitulado momento, quer por outros e diversos motivos que escapariam aos reais propósitos desta pesquisa. Por essa razão, importa-nos a função sujeito-autor e o que essa instância enunciativa, contrariando todas as possíveis e otimizadas previsões, aponta para o processo de constituição de um sujeito discursivo que desvela a constituição de tantos outros sujeitos plurais, contrastando com o que supostamente estivesse grudado à pele, entranhado em sua/e na sua constituição enquanto sujeito tributário e tributável de uma dada função de autoria, a questão de ser favelado.

Assim, essa *escrita de si* aponta para além do fato de o sujeito-personagem e sujeito-narrador ser uma favelada, pois evidencia outras constituições possíveis, entre elas, o caso de ser, ainda que minimamente, detentora de uma dada vontade de saber. Singulariza também a posição de um sujeito de gênero feminino à frente do que seria esperado para uma mulher na época (que ela fosse subjugada ao poderio do gênero masculino, dentre outras atribuições, seguramente aguardadas), ainda que um dos posicionamentos do sujeito manifeste, em alguns instantes, uma visão que ampara os homens e ataca as mulheres.

Vejamos, nesta seção, estes diversos momentos em que o sujeito discursivo se faz enunciar por uma voz favelada, outras vezes, por uma voz delatora desses favelados; em outros instantes, por uma voz denunciante dos péssimos políticos e, ainda, por outros diversos momentos, por uma voz apaziguadora das discórdias e que, aqui, para efeitos modais, intitulamos de uma governamentalidade existente no quarto de despejo (o espaço público), justamente para suprir a ausência dessa noção do que seja da ordem do governamentável. Será esta instância que se institui como “eu” que ocupará, por este ou aquele precedente – ser leitora e escritora – a assunção de instaurar uma dada governamentalidade não só de si, mas também de *outrem*:

(01) Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os péssimos vizinhos que eu tenho não dão socêgo aos meus filhos. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa (QD, p. 14).

(02) Comprei um pão as 2 horas. É 5 horas, fui partir um pedaço já está duro (...) O pão atual fez uma dupla com o coração dos políticos. Duro, diante do clamor publico. (QD, p. 54).

No espaço limítrofe da favela, Carolina representa uma posição de organização, interdição e penhora das desavenças. Figura, ainda, como a voz judiciosa, como o grito dos miseráveis e como o protesto daqueles que estão excluídos da sala de estar, não raras vezes também se institui em delatora dos atos inconvenientes e indignos dos mesmos favelados. Aliás, na visão desse sujeito discursivo, são poucos os momentos, como são raros os favelados que não sejam infames.

No enunciado (01), observamos, especialmente, a situação do sujeito discursivo que tem que deixar os filhos sozinhos para realizar a tarefa de todo dia: recolher lixo e trocar por gêneros alimentícios, ou seja, ele carece trabalhar. Não parece claro ao leitor se esta posição-sujeito sente culpa ao deixar os filhos sozinhos. Há ainda o posicionamento do sujeito que sabe que, mesmo acometido por mal-estar, não pode gozar descanso, já que este benefício não pode ser concedido ao pobre – destituído dos bens materiais para sustentar sua casa (seu barraco) e seus filhos. Reitera-se que há, neste posicionamento do sujeito discursivo, uma inscrição política que intui no dia a dia miserável que aos pobres não será conferida a possibilidade do descanso, especialmente se estes tiveram como vizinhos os favelados que não deixam seus filhos em paz. No enunciado (02), também há uma inscrição sócio-política daquele que percebe que a dureza do pão é análoga ao coração dos políticos. Na dureza do pão, este sujeito vê metaforizada a homilia não aprendida de cor pelos políticos que não se envolvem, não parecem compreender ou se importarem com as necessidades dos pobres, dos que estão nos quartos de despejo. Neste momento, a escrita pretende se instituir enquanto denúncia; enfim, enquanto escrita do desabafo para anunciar os desmandos, a falta de gestão pública e toda sorte de infortúnio. Pelo exposto, poderíamos proferir que uma das posições-sujeito, apreensível nos enunciados elencados anteriormente, aponta para a constituição de um sujeito via lamento de sua sina. Ao se constituir sujeito, o faz mediante um processo de evidenciação do lugar possível para os habitantes do quarto de despejo (a favela) que sabem, sentem que não podem gozar de descanso, a despeito de reconhecerem que essa impossibilidade de descansar está atrelada às relações de poder que determinam quem pode e quem não pode ter direito ao repouso (“Mas, o pobre não repousa”).

De modo geral, há discursivamente noticiado que este sujeito discursivo, por ser aquele sujeito que detém um saber e/ou uma vontade de saber, seria o representante legítimo de uma possível “governamentalidade” junto aos favelados; lá mesmo, onde escasseia o governo e o cuidado com o outro, o sujeito emergiria como a voz de uma possível “governamentalidade” e/ou “governamentalidade de si”. Talvez seja isso o que faz o sujeito (não mais a individualidade em ato), mas um sujeito que vai sendo objetivado por uma prática de *escrita de si*. Talvez o sujeito discursivo representasse este sujeito que reivindicaria os direitos alheios por deter a leitura e a escrita e por figurar, em alguns momentos, a pessoa que viria por fim às desavenças.

Por governamentalidade entendemos – preservadas as devidas distinções entre o conceito desenvolvido por Foucault ao longo de seus estudos – uma gestão global da vida dos indivíduos (biopolítica). Essa biopolítica alude, não somente a uma gestão da população, mas um controle das estratégias que os indivíduos, na sua liberdade, podem ter em relação a eles mesmos e uns em relação aos outros. Foucault (2012) estende a análise da governamentalidade dos outros para uma análise do governo de si. Ele chama de “governamentalidade” o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si. Tal conceito aplica-se, por definição, ao conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma bastante específica e complexa do poder, que tem por alvo a população como forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança. Contudo, como em princípio, dizíamos, Foucault amplia este conceito às técnicas de dominação exercidas sobre os outros e às técnicas de si.

Implica-nos, por ora, ao analisar a materialidade constituída para esta abordagem investigativa, tomar esses efeitos de dominação/organização em torno dos favelados por uma favelada (habitante

do quarto de despejo) que exerce junto a si e aos outros a necessidade de se organizar e organizar outrem, mediante o desafio primeiro de constituir uma possível subjetividade, sobre a pauta dos dias, via escrita rasurada de si; e como desafio posterior, intenta organizar a favela e seus moradores.

Nessa mesma linha de proposições, poder-se-ia pensar em uma possível inferência com a obra de Foucault que discorre sobre o *cuidado de si*, pensar em uma similitude entre Artemidoro com o sujeito enunciador em QD, que se constitui por uma *escrita de si* e tenta, para além de governar a si mesmo, realizá-lo com os outros moradores da favela. Um dos posicionamentos do sujeito tenciona a constituição de um livro (diário íntimo) para falar de si e de toda a sorte de desventuras existentes no quarto de despejo. Vale dizer que esta *escrita de si* não representa um si – enquanto ato individualizado, mas enquanto uma *escrita de si* que aponta para a constituição de diversas posições-sujeito, através de uma prática social investida do desafio de contar/recontar a sua estória e reescrevê-la em um processo que é, *a priori*, a construção de si “mesmo”.

Desse modo, a *escrita de si* funcionaria como uma pretensa glosa dos dias vividos e, por isso, labora com a necessidade de preservar os dias anotados com o intuito de gerir a si e aos outros, por isso, dizíamos do governo de “si” e da pretensa governamentalidade de *outrem*. Nesse viés de análise, recorreremos, pois, a Foucault: “Uma outra razão refere-se à forma e ao destino particular da obra de Artemidoro: livro de homem que se dirige essencialmente aos homens para conduzir suas vidas de homens [...]” (FOUCAULT, 2011c, p. 35).

Nessa possibilidade de cuidado de si, por meio da tentativa de anotar os dias (escrever para não morrer em uma visão blanchotiana), preservando-os nas fissuras dos cadernos encardidos, além de ser valorizada e diligenciada a intensificada e apreciada *cultura de si e/ou o governo de si* e, em última instância, de *outrem*, funda-se, além de uma dada cultura de si, um governo de si e, por conseguinte, de outrem. É imperioso reafirmar que essa cultura de si não é tão somente o individual, mas o coletivo, pois o sujeito, ao cuidar-se de si, o faz também em relação a *outrem*, em uma notória valorização das relações de si para consigo e também para outrem.

Devemos dizer, em conformidade com Foucault, que é:

[...] preciso entender que esse princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes: ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constitui assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber [...]. (FOUCAULT, 2011b, p. 50).

Se são diversas as situações que podem ser ocupadas pelo sujeito do discurso em QD, deliberamos, aqui, evidenciar a posição de um sujeito que, ao ocupar-se de si, também o faz com o outro (morador do quarto de despejo) e, nessa posição, importa-nos a inscrição de um sujeito que, ao anotar os dias, faz o inventário de sua subjetivação. Daí, a relevância da *escrita de si* como exercício de uma subjetividade ou para uma subjetividade.

Ao escrever, há um processo de tentativa de constituição de si, ainda que tenha o intuito primeiro de afastar os pensamentos ruins. No exercício da *escrita de si*, há a tentativa de escapar à inalterabi-

lidade dos dias, ainda que escriturando precisamente este dia sempre igual. Há também o tentame de livrar-se de dores, de paixões impossíveis, de (re)constituição de uma integridade física e/ou mental ou ainda de buscar um amigo confidente virtual ou não para ouvir uma possível confissão, como nos enunciados abaixo:

(03)... A comida no estomago é como o combustível nas maquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei a andar mais depressa. Eu tinha impressão que eu deslisava no espaço. Comecei sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida. (QD, p.45).

(04)...Vesti o José Carlos para ir na escola. Quando eu estava na rua, comecei ficar nervosa. Todos os dias é a mesma luta. Andar igual a um judeu errante atraz de dinheiro, e o dinheiro que se ganha não dá pra nada. Passei no Frigorífico, ganhei uns ossos. (QD, p.67).

(05)...Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer: - Muito bem, Carolina! (QD, p.73).

(06) Tive sonhos agitados. Eu estava tão nervosa que se eu tivesse azas eu voaria para o deserto ou para o sertão. Tem hora que eu revolto comigo por ter iludido com os homens e arranjado êstes filhos. (QD, p. 86).

Nos enunciados supracitados, há um posicionamento do sujeito que percebe que o diário pode se constituir em um amigo em tese para as ações, as reportagens, os relatos inventariados. Chega até pedir este ou aquele aval para a sua conduta, como em (5): “Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer: - Muito bem, Carolina!”. No enunciado (03), há um posicionamento do sujeito que, ao descrever os sintomas da fome, o faz valendo-se de elementos atípicos para sua descrição; recorre a um léxico característico do capitalismo (como da máquina que se acha alimentada pelo combustível apropriado), assim o corpo – máquina para o trabalho – carece de seu combustível adequado para executar o ofício de todo o dia: recolher lixo e transformá-lo em dinheiro-moeda para sanar a fome. No enunciado (04), emerge um sujeito discursivo que, inscrito em dada formação discursiva, compara a sua vida com a dos judeus: ambos nômades e exilados de sua pátria. Este sujeito discursivo deixa evidente que a luta de todo dia é sempre igual. Poderíamos dizer ainda que esta visão em relação aos judeus parece inscrita em uma formação discursiva que, possivelmente, indicaria uma ideia um tanto quanto “preconcebida” dos povos nômades como em: “andar igual a um judeu errante atraz de dinheiro”. Em síntese, este enunciado (4) parece-nos indicar uma das posições-sujeito enquanto “sujeito do labor”. Já no enunciado (05), também há uma inscrição do sujeito enquanto posição leitor e escritor que prefere empregar seu dinheiro em livros. Os enunciados supracitados indicam-nos que há um posicionamento do sujeito que vislumbra na escrita a composição da denúncia, do desabafo e, talvez, da possível redenção: escrever para não morrer; registrar para não passar incólume; historiar para afastar a tristeza; anotar para preencher o dia miserável; escrever para intentar alcançar outra posição social e arranjar uma casa de alvenaria. Há, nos enunciados acima elencados, várias posições-sujeito, o sujeito do labor como em (04), o sujeito da leitura e da escrita como em (05).

Segundo Foucault (2009), essa prática de *escrita de si* é antiga, e sob vários motes, pretensões e objetivos. Escrevia-se para afastar as dores, os pensamentos ruins; escrevia-se para driblar a própria

loucura premente; escrevia-se para organizar a si e a outrem; escrevia-se para aconselhar alguém sobre algo; escrevia-se para preservar a memória e recobrá-la a *posteriori*; escrevia-se para solicitar a interdição de “um outro”; escrevia-se para recapitular o dia ou para organizar este mesmo dia; dentre outras configurações possíveis para a prática de leitura e escrita.

Retomando as considerações no início desta tese quando anunciávamos, propriamente, sobre a análise discursiva que empreenderíamos ou que estamos construindo neste e por este texto, vale indicar que uma análise discursiva se distanciaria⁹, algumas vezes, de uma apreciação da língua, embora aquela se valha desta para constituir sua materialidade. Desse modo, Foucault (2008, p.30), ao aludir ainda que não explicitamente¹⁰ aos postulados de Chomsky com a denominada gramática gerativa, evidencia como se dá o campo dos acontecimentos discursivos:

O campo dos acontecimentos discursivos, em compensação, é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas; elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro, de memória, ou de leitura; elas constituem, entretanto, um conjunto finito. Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? (FOUCAULT, 2008, p. 30).

E, sendo assim, realizar uma análise discursiva implica, sobremaneira, partir de uma materialidade linguística com vista a empreender olhares outros para o que seria o sujeito, a discursividade, a *escrita de si*. Valendo-nos dos aportes foucaultianos quando o filósofo traz à baila a noção de sujeito fundante do discurso, não é outra a vontade de verdade¹¹ que nos perpassa, no intuito de realizar uma análise discursiva que levasse em conta essa noção, dentre outras apontadas por Foucault:

Seria possível que o tema do sujeito fundante permitisse elidir a realidade do discurso. O sujeito fundante, com efeito, está carregado de animar diretamente, com suas intenções, as formas vazias da língua; é ele que, atravessando a espessura ou a inércia das coisas vazias, reaprende, na intuição, o sentido que aí se encontra depositado; é ele igualmente que, para além do tempo, funda horizontes de significações que a história não terá senão de explicitar em seguida, e onde as proposições, as ciências, os conjuntos dedutivos encontrarão, afinal, seu fundamento. Na sua relação com o sentido, o sujeito fundador dispõe de signos, marcas, traços, letras. (FOUCAULT, 2011a, p. 47).

Nesse sentido, uma análise que se pretenda discursiva deve partir do *já-dito* com o objetivo de empreender o *não-dito*, a voz entrecortada ou sussurrante, a voz miúda que subjaz ao/e no *dito*. Assim, uma análise discursiva colocaria como questão, insiste-se, aqui: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2008. p.30).

9 Uma análise discursiva pode e, sem perder o foco, realizar apreciações da língua com notória profundidade, embora não tenha, necessariamente, a judiciosa intenção de deter-se tão somente nesta análise. Vale-se de elementos de uma dada materialidade linguística e alça outro lugar, o de apreensão material dos sentidos e sujeitos, via linguagem.

10 Foucault não nomeia muitos dos autores que lhe serviram de argumento e/ou contra-argumento, talvez por julgá-los implícitos em seus textos. Isto ocorre não só com Chomsky, mas com inúmeros autores e de diversos campos epistemológicos.

11 Na acepção dada por Foucault (2011b).

É controverso pensar que uma das posições-sujeito nos enunciados recolhidos em QD tenta valer-se das mazelas de seus vizinhos para denunciar, justamente, aquilo que mais atormenta o sujeito, na posição de favelada, a falta das condições mínimas de sobrevivência. Este, pois, configura-se no que aqui estamos delimitando, por meio das considerações foucaultianas, como o “dito”.

É como se no “dito”, naquilo que havia sido “dito”, outros “não-ditos” facilmente poderiam vir à baila, desde que permitidos por uma dada exterioridade – o momento político da época que ditava o que era permitido e aquilo que não o era.

O sujeito discursivo parece desvelar-se sagaz na leitura primeira, talvez aparente, dizia do óbvio: do viver do favelado, mas por entre as fissuras dos cadernos encardidos havia muito bem apreendido, apreensível um sujeito-narrador e também sujeito-personagem (para nos valermos de categorias literárias) que gritava ao mundo as contradições, os contragostos, as revoltas, as mazelas e inoperância dos governos gestores, que nada faziam, apenas prometiam a cada quatro anos, quer sejam, em campanhas eleitorais, a mitigar o sofrimento do favelado. Mas este sofrer só fazia avolumar-se, extenuando as esperanças verdes dos xurumbambos do quarto de despejo. Vejamos:

(10)... Quando um politico diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema êle vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade. (QD, p.38).

(11) Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado. (QD, p. 42).

(12) Para não ver os meus filhos passar fome fui pedir auxilio ao propalado Serviço Social. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. A unica coisa que eles querem saber são os nome e os endereços dos pobres.

Fui no Palacio, o Palacio mandou-me para a sede na AV. Brigadeiro Luis Antonio. Avenida Brigadeiro me enviou para o Serviço Social da Santa Casa. Falei com a Dona Maria Aparecida que ouviu-me e respondeu-me tantas coisas e não disse nada. Resolvi ir no Palacio e entrei na fila. Falei com o senhor Alcides. Um homem que não é niponico, mas é amarelo como manteiga deteriorada. Falei com o senhor Alcides:

- Eu vim aqui pedir um auxilio porque estou doente. O senhor mandou me ir na Avenida Brigadeiro Luis Antonio, eu fui. Avenida Brigadeiro mandou-me ir na Santa Casa. E eu gastei o unico dinheiro que eu tinha com as conduções.

- Prende ela!

Não me deixaram sair. E um soldado pois a baioneta no meu peito. Olhei o soldado nos olhos e percebi que êle estava com dó de mim. Disse-lhe:

- Eu sou pobre, porisso é que vim aqui. (QD, p.42-43).

O sujeito que emerge dos enunciados acima se inscreve no lugar de quem está à deriva, procurando esta ou aquela ajuda e, após idas e vindas, reconhece-se itinerante, pobre, desventurado e espoliado. No enunciado (10), há um posicionamento do sujeito que intui a partir de uma dada formação discursiva que os problemas que acometem os pobres são utilizados como motes para os discursos dos políticos que, uma vez eleitos, esquecem-se dos compromissos assumidos. Neste mesmo enunciado, também se observa uma formação discursiva que desvela um preconceito étnico-social complexo como em: “Um homem que não é nipônico, mas é amarelo como manteiga deteriorada.” O sujeito discursivo, em uma de suas posições, especialmente, naquela de denunciante das mazelas da favela

e de suas próprias, por infundas vezes, fora tomado como louco, já que nos cadernos encardidos, sobretudo, aqueles tomados como *corpus* desta e para esta análise discursiva, entrevia-se resquícios de um discurso alvoroçado e singularizado por brados de protesto. Assim, que *escrita de si* poderia ser entrevista nas fissuras dos cadernos encardidos revoltos e apanhados nas ruas, senão aquela escritura que tenta gritar os infelicitados dias dos favelados e a sua própria desventura que chega a proferir ironicamente que os animais (alimentados pelos produtos deteriorados lançados ao rio) são mais felizes que os moradores do quarto de despejo? Vejamos os enunciados:

(12)Vi os homens jogar sacos de arroz dentro do rio. Bacalhau, queijo, doces. Fiquei com inveja dos peixes que não trabalham e passam bem. (QD, p. 60).

(13)Fiquei nervosa ouvindo a mulher lamentar-se porque é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer. Pelo que observo, Deus é o rei dos sábios. Êle pois os homens e os animais no mundo. Mas os animais quem lhes alimenta é a Natureza porque se os animais fossem alimentados igual aos homens, havia de sofrer muito. Eu penso isto, porque quando eu não tenho nada para comer, invejo os animais. (QD, p. 61).

Contudo, ainda poderíamos pensar que, por trás das/nas fendas desse *dizer de si*, houvesse a tentativa do sujeito pertencente ao mundo (quarto de despejo que relata) de anunciar uma verdade refugiada; e, por essa razão, fora tomado como insano pelos próprios moradores do quarto de despejo, já que esse sujeito morador de uma favela (se pensarmos nas singularidades de um diário íntimo) ameaçava pontuar esta ou aquela impropriedade, esta ou aquela briga, maus-tratos ocorridos e cometidos pelos próprios moradores da favela, como nos enunciados abaixo:

(14)...As mulheres que eu vejo passar vão nas igrejas buscar pães para os filhos. Que o Frei Luiz lhes dá, enquanto os espôsos permanecem debaixo das cobertas. Uns porque não encontram emprego. Outros porque estão doentes. Outros porque embriagam-se. Eu não preocupo-me com os homens delas. Se fazem bailes eu não compareço porque não gosto de dançar. Só interfiro-me nas brigas onde prevejo um crime. Não sei a origem desta antipatia por mim. (QD, p. 38).

(15)...Tem um adolescente por nome Julião que as vezes expanca o pai. Quando bate no pai é com tanto sadismo e prazer. Acha que é invencível. Bate como se estivesse batendo num tambor. O pai queria que êle estudasse para advocacia (...) Quando Julião vai preso o pai lhe acompanha com os olhos rasos d'agua. Como se estivesse acompanhando um santo no andor. (QD, p. 38).

(16)Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. (QD, p. 22)

(17) Passou um senhor e perguntou-me:

_ O que escreve?

_ Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana. (QD, p. 24).

(18)No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou-se como se fosse de borracha. Os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome.” (2007, p. 41)

(19) ...Quando eu comecei escrever ouvi vozes alteradas.[...] Era a Odete e o seu esposo que estão separados. Brigavam porque êle trouxe outra mulher no carro que êle trabalha. (QD, p. 51).

(20) 22 de julho Eu estava deitada. Era 5 horas quando a Teresinha e o Euclides começaram a falar:

_ Adalberto! Levanta e vai comprar pinga.

O Euclides disse:

_ Você não vai escrever? Não vai catar papel? Levanta para você escrever a vida dos outros. Eu levantei, peguei um pau de vassoura e fui falar-lhe para não aborrecer-me que eu estou cansada de tanto trabalhar. E dei umas cacetadas no barraco. Êle calou e não disse mais nada. (QD, p. 175).

Nos enunciados elencados, especialmente em (14), “Não sei a origem dessa antipatia por mim;”, no (16:) “Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem” e em (20), notadamente, “- Você não vai escrever? Não vai catar papel? Levanta para você escrever a vida dos outros”, há um posicionamento do sujeito que incide sobre a imagem que outrem tem de si – como aquela que é antipatizada, provocada e alcunhada como a delatora da vida alheia. Em alguns momentos, este sujeito discursivo diz não saber quais são as razões dessa antipatia ou então prefere não dizer quais são, conquanto em outros instantes pareça atribuir a razão de tanta implicância ao fato de se destacar de outros favelados “como aquela que fala muito bem”, “aquela que é supostamente mais bonita e que atrai mais homens” e aquela que ganha mais dinheiro. Ao longo de QD, observamos que as razões das implicâncias são diversas, não sendo apenas pelo fato de saber ler e escrever, mas porque também se vale deste poder e se diferencia dos outros favelados como alguém diverso deles, chegando mesmo a alcunhá-los de “bestas feras” ou de “projetos de gente humana”.

Nos enunciados (15) e (19), há um posicionamento do sujeito que evidencia os assuntos para o relato-reportagem, trazendo à tona este ou aquele desentendimento, esta ou aquela briga, alinhavados com certa melancolia. O sujeito que insurge deste último enunciado inscreve-se em uma formação discursiva que lhe autoriza a afirmar a nulidade, a impessoalidade do morador da favela ao proferir que marginal não tem nome. O favelado morto (um Zé qualquer) fora enterrado como indigente/marginal e, portanto, destituído de identidade, nos dizeres desse sujeito discursivo.

Insistimos, aqui, que a vontade de verdade fora permitida, minimamente, consentida para Carolina – o sujeito-autor, depois era irrefutável que essa vontade de verdade tivesse que ser sufocada. Por que fora esse sujeito-autor a dizer quando havia tantos outros para fazê-lo? Por que a essa instância fora concedida tal possibilidade de evidenciar uma escrita de si, que dizia de tantos outros que viviam no quarto de despejo? Tateando singularizar essa *escrita de si* (nos moldes foucaultianos), talvez houvesse por parte desse sujeito, em função de autoria, uma judiciosa necessidade e capacidade intrínsecas de “enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber”, seja por escassear-lhes a capacidade de escrever o visto (ou seja, materializar suas percepções por meio da escrita), seja, ainda, por quaisquer outros motivos.

Como proferira Foucault no tocante à loucura:

Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo; pode ocorrer também em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber. (FOUCAULT, 2011a, p. 10-11).

A partir dos postulados foucaultianos sobre a segregação da loucura e, ainda por outros trabalhos e enunciados que serão destacados no decorrer desta análise discursiva, delinea-se a figura de uma posição-sujeito morador da favela e pretendente a escritor que apresenta uma intrínseca correlação com os dizeres de inúmeras outras posições do sujeito que vão configurando o QD: desde uma figura rotulada como louca por seus irmãos de sina (como a própria moradora da favela, que é igualmente favelada, miserável¹², embora denegue este lugar) até outras posições-sujeito – figuras apreensíveis nesta materialidade – como uma posição sujeito delatora, uma outra posição-sujeito inscrita em uma dada formação histórica e política que observa que os políticos são e estão distantes do clamor do povo, dentre outras posições que contracenam e apontam para a apreensão dessa subjetivação de um sujeito, via escrita de si, via escrita rasurada de si. Este sujeito em posição de pretensa escritora e, ainda em posição de um dos habitantes do quarto de despejo, fora, insistimos, aqui, considerado louco pelos seus irmãos favelados; fora etiquetado como alguém à frente de seu tempo, por ser uma mulher que ousou ser mãe de três filhos com progenitores diversos, um para cada um dos filhos. Vejamos os enunciados abaixo:

(21) Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar (QD, p. 24).

(22) Não tenho marido, e nem quero! (QD, p. 25).

(23) O seu João deu cinquenta centavos para cada menino. Quando ele me conheceu eu tinha só dois meninos (QD, p. 27).

(24) O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal (QD, p.50).

(25) A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia. (JESUS, 2007, p. 40)

(26) ...As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim (QD, p. 37).

(27) De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursaes nos lares dos operários (QD, p. 41).

Dessa forma, é particular que na *escrita de si* e dos *outros* houve e houvesse fortes coerções do poder, tanto econômico, social, editorial, político, sexual e outros. Se a *escrita de si* evidencia as relações de poder, também deixa em aberto como aquilo que sempre falta, que sempre esquiva, que sempre move, que sempre deixa nas fissuras a possibilidade de um *dizer outro*.

Assim, há em QD enunciados que apontam para a constituição de sujeitos plurais, tanto assim o é que, por meio de uma voz de uma posição-sujeito criador dos relatos e também a partir de um sujeito

12 “Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou o rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo [...]” (QD, p. 38).

em posição de habitante do quarto de despejo, a singularização de outras vozes ecoam de dentro do quarto de despejo (a favela). Vejamos os enunciados:

(28)...Os visinhos ricos de alvenaria dizem que nós somos protegidos pelos políticos. É engano. Os políticos só aparece aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais (QD, p.46).

(29)... Na favela tudo circula num minuto. E a notícia já circulou que a Dona Maria José faleceu (QD, p.34).

(30)...O que eu quero esclarecer sobre as pessoas que residem na favela é o seguinte: quem tira proveito aqui são os nortista. Que trabalham e não dissipam. Compram casa ou retornam-se ao Norte (QD, p.46).

(31)Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flôr para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O unico perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga (QD, p.47-48).

(32)...Hoje ninguém vai dormir porque os favelados que não trabalham já estão começando a fazer batucada. Lata, frigideira, panelas, tudo serve para acompanhar o cantar desafinado dos notívagos (QD, p.48).

Em resumo, pelos enunciados supracitados, observamos que, na discursividade literária em Carolina Maria de Jesus, há posições sujeito indicativas de: 1) um posicionamento de um “sujeito-mulher” a frente do seu tempo (optou por viver só e cuidar dos filhos sem o apoio de um homem); 2) um posicionamento sujeito singularizado por uma inscrição política, social que sabe que no quarto de despejo os políticos só aparecem em épocas eleitorais; 3) um posicionamento do sujeito que percebe como é escatológica a condição dos favelados; 4) uma posição-sujeito que, ao realizar a síntese das posições anteriores, consegue criar os relatos para preservá-los da pobreza dos dias. Estes relatos dizem dos desvalidos, dos ébrios, dos larápios; enfim, diz do arsenal que constitui os habitantes do quarto de despejo e, ainda, enuncia sobre os habitantes da sala de estar (lá onde contracenam os políticos, os desembargadores, os assessores, as patroas). Corolário a essa constituição de sujeitos plurais, observa-se uma *escrita de si* que, para além de dizer de si e de evidenciar a constituição de um sujeito por meio de sua *escrita de si*, singulariza a existência de uma escrita de *outrem*, a dos ébrios, a dos indigentes, a das mulheres que vivem no penado, enquanto os homens se regozijam com a situação de serem providos por essas mulheres. Notemos este posicionamento do sujeito nos enunciados que seguem:

(33)...Nas favelas, as jovens de 15 anos permanecem até a hora que elas querem. Mescla-se com as meretrizes, contam suas aventuras (...) Há os que trabalham. E há os que levam a vida a torto e a direito. As pessoas de mais idade trabalham, os jovens é que renegam o trabalho. Tem as mães, que catam frutas e legumes nas feiras. Tem as igrejas que dá pão. Tem o São Francisco que todos os meses dá mantimentos, café, sabão etc (QD, p.20).

(34)...Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há mulheres que os espôsos adoecem e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os espôsos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais (QD, p.22).

(35)...Na favela tem muitas crianças. As crianças são sempre em maior numero. Um casal tem 8 filhos, outro tem 6 e daí por diante (QD, p.74).

(36) As pessoas de alvenaria que residem perto da favela diz que não sabe como é que as pessoas de cultura dá atenção ao povo da favela (QD, p.81).

Os enunciados listados sinalizam para a singularidade dos seres desditosos que habitam a favela. O quarto de despejo (a favela) e, de maneira análoga, o diário QD são constituídos por uma heterogeneidade de sujeitos, cada um com sua especificidade, suas queixas, seu penado, suas expectativas. São pessoas que, por esta ou aquela razão, vieram constituir a favela.

Nos enunciados abaixo, a posição-sujeito circunscreve-se e inscreve-se por intermédio de uma escrita em diário. Por meio dos relatos nos diários, em meio a sua possível reclusão, ela opta por anotar os dias:

(37) O dia de hoje me foi benéfico. As rascões da favela estão vendo eu escrever e sabe que é contra elas. Resolveram me deixar em paz. Nas favelas, os homens são mais tolerantes, mais delicados. As bagunceiras são as mulheres. As intrigas delas é igual a de Carlos Lacerda que irrita os nervos. E não há nervo que suporta. Mas eu sou forte! Não deixo nada impressionar-me profundamente. Não me abato (QD, p.22).

(38) O dia está triste igual a minha alma (QD, p.88).

(39) Hoje é o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu não posso fazer uma festinha porque isto é o mesmo que agarrar o sol com as mãos. Hoje não vai ter almoço. Só jantar (QD, p.92).

Nos enunciados elencados, notadamente no enunciado (37), há um apontamento do sujeito indicativo de uma possível prática de resistência, nos moldes apregoados por Foucault, de que ela seria da mesma natureza que os efeitos de poder. Este sujeito discursivo de maneira recorrente diz da necessidade de se manter firme em seu propósito de registrar o dia a dia dos moradores da favela, a despeito das intrigas, dos falatórios e das desaprovações de outros moradores da favela, especialmente, das moradoras do quarto de despejo que, segundo ele, são sempre as mulheres a espalharem os mexericos. Aliás, este foi o meio encontrado pelo sujeito discursivo para escapar aos efeitos do poder: apoderar-se da escrita, do uso da linguagem como garantia de preservar os instantes vividos, subverter a dor, o esquecimento e, especialmente, alçar uma posição social com o produto de sua escrita.

Nesse sentido, as anotações nos cadernos encardidos aproximam-se, resguardadas as inúmeras diferenças e contextualizações, dos postulados foucaultianos da noção de *cuidado de si*:

É preciso tempo para isso. E é um dos grandes problemas dessa cultura de si fixar, no decorrer do dia ou da vida, a parte que convém consagrar-lhe. Recorre-se a muitas fórmulas diversas. Pode-se reservar, à noite ou de manhã, alguns momentos de recolhimento para o exame daquilo que se fez, para memorização de certos princípios úteis, para o exame do dia transcorrido; o exame matinal e vespertal dos pitagóricos se encontra, sem dúvida com conteúdos diferentes, nos estóicos; [...] Pode-se também interromper de tempos em tempos as próprias atividades ordinárias e fazer um desses retiros que Musonius, dentre outros, recomendava vivamente: eles permitem ficar face a face consigo mesmo, recolher o próprio passado, colocar diante de si o conjunto da vida transcorrida, familiarizar-se, através da leitura, com os preceitos e os exemplos nos quais se quer inspirar e encontrar, graças a uma vida examinada, os princípios essenciais de uma conduta racional (FOUCAULT, 2011c, p.56)

Nesse exercício do *cuidado de si* e de preservação dos momentos vividos empreendidos no quarto de despejo (o espaço privado), notamos, por meio desse *cuidado de si*, um *cuidado de outrem*:

(40) Lhe aconselhei a não brigar, que o crime não trás vantagens a ninguém, apenas deturpa a vida. Senti o cheiro de alcool. Sei que os ebrios não atende. O senhor Ismael quando não está alcoolizado demonstra sua sapiencia. Já foi telegrafista. E do Circulo Exoterico. Tem conhecimentos biblicos, gosta de dar conselhos. Mas não tem valor. Deixou o alcool lhe dominar (QD, p.22-23).

(41) Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna.
Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela (QD, p.23).

O enunciado (40) aponta para a constituição de uma posição-sujeito que se preocupa com outros moradores da favela e que, não raras vezes, exerce junto a eles a figura de alguém que parece cuidar deles. Este ocupar-se “consigo” como exercício diário de se manter longe das confusões, de intentar não beber¹³, de formar o seu caráter, de cuidar dos filhos (como no enunciado 41) sem a companhia de um homem, prenuncia, conservadas as devidas dessemelhanças, o princípio retomado por Foucault sobre o cuidado de si, a partir da cultura helenística de ocupar-se consigo, de tomar a si mesmo como objeto do cuidado de si e, notadamente, com a tentativa de constituição de uma subjetividade. Era necessário, então, e como já foi anunciado anteriormente, um exercício ascético, baseado na *epimeleia heautou*, a preocupação consigo, que ganha forma nos *hypomnemata*. De acordo como Foucault (2009), os *hypomnemata* (cadernos de anotações) passaram a servir de registro para a escrita de si, um exercício ascético de constituição de si, elaborado conforme o conhecimento e o código moral de então. Tratava-se de uma prática de si viabilizada pela leitura e pela escrita. Para Foucault (2011d), na perspectiva do cristianismo, há mudanças nesta cultura que, ao invés de se organizar como *epimeleia heautou*, ou seja, como cuidado de si, passa também a ser *epimeleia tonallon* – o cuidado dos outros.

É sobre este aspecto enquanto um cuidado de si que se destina também ao outro que, resguardadas as devidas diferenças, implica-nos considerar aqui. Poderíamos ainda acrescentar que esta tentativa de preservar o dia, de anotar a mesmice do cotidiano com o intuito de se organizar e constituir-se, também, poderá representar uma tentativa de governar-se e, ao fazê-lo, eis que acaba por organizar o quarto de despejo (o espaço físico) e as desavenças, confusões, desajustes entre os moradores desse quarto. Segundo pontua Foucault:

Em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem.
Tem-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo: ela não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social. (FOUCAULT, 2011c, p. 57).

13 Pelos relatos observamos que o sujeito-personagem chega a beber e no dia seguinte fica com preguiça de ir trabalhar. Reconhece que precisa ficar longe do álcool que consome as melhores energias de uma pessoa, sem contar que o vício (no caso, o da bebida) passa a exigir o parco dinheiro destinado a comprar alimentos de primeira necessidade para saciar a fome dos seus filhos e a sua.

Nas acepções foucaultianas:

Quando, no exercício do cuidado de si, faz-se apelo a um outro, o qual adivinha-se que possui aptidão para dirigir e para aconselhar, faz-se uso de um direito; e é um dever que se realiza quando se proporciona ajuda a um outro ou quando se recebe com gratidão as lições que ele pode dar. (FOUCAULT, 2011c, p. 58).

Ao tomarmos como exame os sujeitos discursivos apreensíveis na materialidade linguística dessa análise discursiva, insistimos, ao longo deste texto, em apontar que uma das posições-sujeito toma para si o cuidado não só consigo, mas com *outrem*. O que, sob certo aspecto, retoma, resguardadas as diversas dessemelhanças, os dizeres de Foucault:

Acontece também do jogo entre os cuidados de si e a ajuda do outro inserir-se em relações preexistentes às quais ele dá uma nova coloração e um calor maior. O cuidado de si – ou os cuidados que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos – aparece como uma intensificação das relações sociais. (FOUCAULT, 2011c, p. 59).

Realizadas estas incursões em torno da *escrita de si*, do cuidado de si e de outrem, talvez fosse cogente trazer à baila que esta pesquisa constitui na real possibilidade de, ao recorrer ao comentário de uma dada materialidade linguística, reatualizar os diários QD e DB.

WRITING OF SELF, CARE OF SELF AND GOVERNMENTALITY:
possible costures in Carolina Maria de Jesus

ABSTRACT

Abstract: This essay investigated, from a theoretical-methodological analysis restated in the Foucaultian studies, as a subject of a discourse constitutes its subjectivity through the exercise of a written of itself. He elaborates on the singularities of this writing, especially through two intimate diaries of Carolina Maria de Jesus, notably from the Quarto de Despejo (1960) and Diário de Bitita (2007). The studies presented here intend to discuss the subject as a subject of writing that uses it in order to preserve the day lived in the Blanchotian hope that one must note down to preserve and preserve itself so as not to pass unharmed.

Keywords: Writing itself. Literary discursiveness. Carolina Maria de Jesus. Speech analysis. Foucault

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: Lições americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **O que é um autor?** 7. ed. Trad. José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2009.

_____. A vida dos homens infames. In: _____. **O que é um autor?** 7. ed. Trad. de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2009. p. 87- 126.

_____. A escrita de si. In: _____. **O que é um autor?** 7. edição. Trad. de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2009. p.127-158.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2011a, 79p.

_____. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A.Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011b.

_____. **História da Sexualidade 3: O cuidado de si**. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011c.

_____. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Edição estabelecida sob a direção de Francois Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. 3. ed. Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011d, 2. tiragem.

_____. **Estratégia, Poder-Saber. Ditos e Escritos IV**. Org. de MOTTA, Manoel de Barros. Trad. De Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. V. 1 da Coleção Contrastes e Confrontos. São Paulo: Oficinas Gráficas de Linográfica Editora Ltda, 1960 .

_____. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2007

FERNANDEZ, Andréa Raffaella. Percursos de uma poética de resíduos na obra de Carolina Maria de Jesus. **Itinerários**, Araraquara, n. 27, p. 125-146, jul./dez. 2008

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **Traços de Carolina Maria de Jesus**: gênese, tradução e recepção de “Quarto de despejo”. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2000. 366p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Fale/UFMG, 2000.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus**: o estranho diário da escritora vira-lata. Tese de Doutorado. Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2004, 262p.

BIOGRAFIA

Fabiana Rodrigues Carrijo

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia em 2013. Atualmente é professora adjunta, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. É autora de diversos capítulos e artigos científicos na área de letras/linguística espalhados em revistas e livros especializados. É pesquisadora convidada de dois grupos de pesquisas (Ledif – Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos/UFU) e Edule (Educação, Leitura e Práticas/UFG). Recentemente prefaciou três livros *Quebra-cabeça essencial*, de Miriam Nassif; *(Des)caso com a poesia: inquietações*, de Maurício Gomes e *Espontânea Clausura*, de Elaine Rosa Teixeira, sendo os dois últimos lançados pela Editora Scortecci. No momento, encontra-se envolvida com a editoração de seus dois livros de crônicas denominados: *Contratos de amor lacerados* e *Vento na Roseira*. E-mail para contato: facarrijo@gmail.com